



FATORES ASSOCIADOS À PRÁTICA DO SKATE¹

Carlos Gomes de Oliveira

Centro Universitário Cesumar – Brasil

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Universidade Estadual de Maringá – Brasil

Resumo: O propósito deste texto é discutir os fatores motivacionais (intrínsecos e extrínsecos) associados à prática do *skate*. O principal objetivo foi analisar as relações existentes entre os fatores que poderiam favorecer ou minimizar a prática do esporte. Portanto, foi utilizado um estudo *survey* junto a 148 praticantes da Região Norte do Paraná. O instrumento de análise considerou alguns aspectos como: nível de experiência, faixa etária, lesões, frequência e motivação. A análise considerou ainda a estatística descritiva e a discussão temática, tendo como eixos as categorias corpo, risco e socialidade. A faixa etária predominante era composta por jovens, com até 20 anos, significando um corpo mais ágil e flexível para as manobras. Embora 95% das lesões não sejam graves (fraturas), 69% têm potencial para afastar temporariamente o praticante. A maior parte da amostra participa de competições, mas o caráter esportivo do *skate* está mais associado a valores associados ao lazer. Assim, em termos gerais, na realidade estudada, o *skate* está ligado predominantemente à diversão, socialidade, saúde e enfrentamento dos riscos, sendo estes signos diferenciadores.

Palavras-chave: perfil do praticante; *skate*; lesões esportivas.

INTRODUÇÃO

A motivação para uma atividade de aventura é, por princípio, diferenciada em comparação a outras práticas corporais. Todavia, um dos aspectos negligenciados nesse debate é que os riscos à integridade corporal parecem favorecer a fruição coletiva na comunidade de praticantes. Por isso, este artigo parte da lacuna sobre a relação entre risco, corpo e sociabilidade como fator associado à vivência esportiva do *skate* no tempo livre.

Pelo consumo de produtos, pelos resultados competitivos e dada a massificação do *skate*, o Brasil é considerado como a segunda maior potência no esporte mundial, atrás dos Estados Unidos. Vale dizer que essa atividade teve impulso em meados da década de 1960 (UVINHA, 2001). Nesse período, de acordo com a Confederação Brasileira de *Skate* (1999), há mais de 300 competidores profissionais no Brasil e cerca de 10 mil nas categorias de base, que incluem: feminino 2, feminino 1, infantil, mirim, iniciante, amador 2, amador 1, *master*, *grand master* e *legends*. Como lazer, o número de praticantes estimado é de 3 milhões.

¹ Agradecemos aos integrantes do Grupo de Estudos do Lazer (GEL/UEM/CNPq) pela contribuição na validação do instrumento e na coleta do material em campo.

Para que se predisponha a realizar a prática do *skate*, é necessário uma grande motivação, inclusive para se expor aos riscos normais que a modalidade apresenta. Sendo assim, Both e Malvasi (2005) dizem que a palavra motivação exerce um grande efeito sobre as pessoas principalmente quando se refere à prática de atividades físicas em geral. Muitas vezes a motivação pode ser responsável por inúmeras razões pelas quais uma pessoa decidirá realizar alguma atividade física ou não.

Cratty (1984), neste assunto, relata que muitos escolhem suas atividades físicas ou esportivas, assim como participam destes com determinado grau de competência dependendo das suas experiências primitivas ou acontecimentos, situações mais recentes. Percebe-se que o incentivo para a continuidade da atividade está muito relacionado com o prazer proporcionado ou a sensação de desagrado que contribuirá para o afastamento dos praticantes.

Para Neves et al. (2008), o *skate* é um esporte urbano bastante acessível, dinâmico e criativo, pois permite realizar diversas manobras e pode ser praticado na rua ou em pistas, e tem se tornado cada vez mais comum. Devido às suas manobras com elevado nível de dificuldade e risco, quando estas não são executadas perfeitamente, podem ter como consequência algumas lesões.

Para Cássaro (2005), o *skate* é um esporte sem limitações, mas, para se conseguir algo, é necessária dedicação. As manobras são vistas como aprendizado para a vida, tendo que agir com perseverança, sempre tentando acertar, mas sem se envergonhar do próprio erro.

De acordo com Uvinha (2001), o *skate* pode simbolizar uma prática vivenciada pelo adolescente, uma busca da identidade pessoal e uma forma de evidenciar sua cultura. Para o autor, identifica-se o *skatista* perante a sociedade através da linguagem, da vestimenta, do gosto musical e outros fatores manifestados no interior dos grupos.

Existem várias modalidades inseridas no *skate*, entre as principais citadas pelos praticantes entrevistados pode-se citar o *Street Skate* que, para Bitencourt e Amorim (2005), é praticada nas ruas em obstáculos urbanos como bancos, corrimãos, escadas onde o *skatista* se expressa por meio das suas manobras.

O *street skate* se caracteriza por estar como que fundido no estilo das competições (da maioria delas). A própria pista limita o mobiliário urbano: escadas, corrimões, degraus, rampas de acesso à garagens. O *skatista* do *street* está “em casa”. As músicas que mais tocam são rap’s, a música *street* por excelência. A plateia se mobiliza com maior facilidade pelas manobras técnicas, as mais características dos *streeters*. Calças largas, com os fundilhos quase até os joelhos, camisetas larguíssimas, bonés grandes e coloridos, correntes, penteados afro, essas são as vestes dos *skatistas* do *street* (BASTOS, 2006, p. 69).

Quanto ao estilo *Freestyle*, Bitencourt e Amorim (2005) comentam que nessa modalidade o *skatista* se apresenta em obstáculos urbanos e o objetivo é executar várias manobras livres e criativas em sequência, realizadas geralmente no solo e com um tempo pré-estipulado.

O *Longboard* é outra modalidade que tem como principal característica a utilização de *skates* com *shapes* grandes, ou seja, com quase duas vezes o tamanho de um convencional. Com esse *skate* é praticada a modalidade *Down Hill*, sendo que se for considerada a origem do esporte no mundo, pode-se concluir que tal modalidade é a primeira forma de prática (BITENCOURT; AMORIM, 2005, p. 419). As descidas realizadas nas ladeiras são os pontos preferidos. Pelo alto risco de quedas, é obrigatório o uso de equipamentos de segurança como capacete, luvas, joelheiras, cotoveleiras e um macacão.

No *Vert* ou *Vertical*, se utiliza uma pista com curvas em que o ponto mais alto atinge os 3,40 m de altura, sendo 3 m de raio e 40 de verticalização, e normalmente essas pistas apresentam extensões. Com o formato de U, denominado *half-pipe*, o local das manobras pode ser confeccionado de madeira ou concreto.

Em comparação com outras modalidades, o *skate* é uma atividade que possui muitos benefícios fisiológicos, mas também apresenta riscos. Trata-se de um esporte de velocidade, agilidade, com um alto índice de manobras complexas. O praticante enfrenta o risco de sofrer quedas e batidas as quais podem colocar em risco sua integridade física. Várias são as manobras com grau de solicitação de atenção; estas apresentam alta complexidade e, desse modo, aumenta o risco de lesões nas articulações, ligamentos, músculos e nervos. Como toda e qualquer prática esportiva, o *skate* necessita de cuidados básicos relacionados ao uso de equipamentos de segurança.

Por outro lado, como ressalta Giddens (2002), o corpo está sempre em risco, pois existe a possibilidade de ferimentos, mesmo em casa. Quinodoz (1995) destaca a existência de indivíduos que gostam de desafios, que brincam com o vazio e têm o prazer especial em tocar àquilo que, com o risco de lhe causar vertigem, lhes provoca calafrios sem causar angústia. Acrescenta ainda, que, entre o prazer da aventura e o alto risco existente, existe uma zona fronteira que pode ser importante tentar conhecer, mesmo que isso pareça difícil.

Verifica-se que nos esportes institucionalizados de risco, como o caso do *skate*, a atenção, o estado de alerta é permanente dentro do sistema de *feedback* interno, porém, em via constante de aperfeiçoamento, o praticante obtém êxito e diminui a necessidade de estar em alerta para tudo. Isso pode levar o esportista a descuidar da segurança de sua prática ou a exarcebar as situações de riscos reais.

Dado esse limiar estar sempre sujeito a rupturas, um dos aspectos preocupantes do *skate* é a ocorrência de lesões. Segundo Filho (2010), o *Skateboarding* é uma atividade de sobrecarga pesada; quando o indivíduo passa a ter o *skate* como prática, aparecerão algumas dores. Existem certos procedimentos e técnicas para diminuir a incidência de lesões.

Diante desse cenário, é possível afirmar que o *skate* é uma atividade de aventura significativa e merecedora de estudos na Educação Física. A faceta mais visível do esporte é jovem, urbana e esportiva, mas sua amplitude caminha para levá-lo a um plano mais amplo e borrado de práticas sociais e modos de vida. Trata-se de uma manifestação complexa, se vista em sua totalidade.

Diante de tal pressuposto, entende-se que o estudo das atividades de aventura, e o *skate* em particular, carece de recortes empíricos e análises que busquem os diferentes pontos de vista sobre essa prática. Um dos problemas identificados é a elevada formulação de ideias sobre o objeto sem a devida problematização em campo. Isso acarreta um âmbito interpretativo mais baseado em abstrações e ilações que na testagem do pensamento acadêmico na realidade.

No sentido de contribuir ao debate e a superação do problema supramencionado, o presente estudo investigou aspectos presentes no cotidiano do praticante de *skate*, sabendo que nem o sujeito nem sua prática constituem perfis únicos e universais. Especificamente, o objetivo foi apresentar características do *skatista*, selecionando nível de associação com o esporte, tipos de lesões, motivações para a prática e percepção do risco.

TRAÇADO METODOLÓGICO

O trabalho é descritivo, tendo como instrumento o *survey*. A amostra é não probabilística e, por conveniência, foi composta por 148 praticantes de *skate* da Região Noroeste do Paraná, oriundos dos municípios de Campo Mourão, Maringá e Sarandi. Para ser incluído, o sujeito deveria consentir com o estudo e possuir idade mínima de 16 anos e 6 meses de experiência como *skatista*. A faixa etária foi variada apresentando 47% com até 20 anos, 45% entre 21 e 30 anos, 6% na faixa de 31 a 40 anos, e 2% de 41 a 60 anos. Da amostra, 44% praticam *Street*, 19% *Longboard*, 14% *Free style*, 6% *Vertical* e 3% outras modalidades.

O instrumento de medida utilizado foi o questionário estilo Survey Instrumento GEL/2009, do Grupo de Estudos do Lazer (BALBIM; OLIVEIRA; PIMENTEL, 2009), que possui questões de identificação do indivíduo

(sexo, faixa etária, renda, formação, motivação à prática, lesões, modalidade, nível de envolvimento e frequência). O segundo bloco de perguntas traz afirmações retiradas de obras sobre atividade de aventura, nas quais o praticante deveria demonstrar seu grau de concordância por meio de uma escala de *lickert*². Os participantes receberam o instrumento e o preencheram à caneta, sem identificar-se. Por isso, não houve necessidade no preenchimento de TCLE³

A coleta dos dados foi realizada durante abril de 2010, nos principais locais dessas práticas nas cidades acima mencionadas. Os dados foram tabulados em planilha Excel, por meio de estatística descritiva. Para o presente texto, o recorte abrangeu nível do praticante (amador, profissional e outros), motivação, lesões, percepção da atividade como algo arriscado. A análise buscou o movimento entre o quantitativo e o qualitativo, evidenciando suas relações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ilustrarem os resultados, os gráficos 2 e 3 expressam o número total de respostas, visto que era possível marcar mais de uma opção para lesões e aspectos definidores da prática do skate. No caso, a intenção é demonstrar em relação ao *n* total (148) como as respostas em números absolutos (podendo variar de 0 a 148) apontam para a importância de determinadas respostas diante da pluralidade de opções. Já o gráfico 1 apresenta os resultados em percentual, cujo somatório representa 100%. Nesse tocante, os sujeitos tiveram de demonstrar uma posição mais fixa quanto ao modo como se identificam na prática e no grau de concordância quanto ao gosto pelo risco no skate.

Com relação à modalidade, verifica-se que 52% dos entrevistados compete, sendo em números absolutos um total de 19 profissionais patrocinados e 58 amadores de nível recreativo e competitivo. Sobre esse resultado, duas leituras são complementares. A primeira é a corroboração de que a codificação esportiva está se tornando cada vez mais presente no skate, que já teve na contestação, no nomadismo e na brincadeira seus principais eixos. A segunda, como Uvinha (2001) pondera, é que participar das competições e da organização do skate como prática agonística não destitui nesses mesmos sujeitos as outras formas de experimentação do esporte.

Quanto à modalidade, percebe-se que a maioria dos sujeitos é do estilo *Street*, o skate de rua em que os praticantes utilizam a arquitetura da cidade, como, bancos, escadas, corrimãos e o calçamento (equipamentos tipicamente urbanos) como obstáculos para executar suas manobras e se expressar. É com distância, a modalidade mais difundida e popular do esporte. O *Street* é também a modalidade preferida de diversas tribos ou grupos de *skatistas* (UVINHA, 2001).

Dos 148 entrevistados, 100% são homens. Não conseguimos localizar durante a coleta o público feminino. De acordo com Figueira e Goellner (2009), as relações de poder presentes no skate produzem socialidades e espaços diferenciados para homens e mulheres, situando uma desigualdade em termos de oportunidades e visibilidade. Coletar em lugares representativos do skate pode coincidir com os espaços dominados pelos homens.

A faixa etária predominante é composta por jovens, com 47% de praticantes de até 20 anos, e 42% de 20 a 30 anos. A frequência da prática fica entre semanalmente (51%) e diariamente (31%). Esses dados possibilitam algumas inferências sobre o perfil majoritário da modalidade: a maior disponibilidade de tempo e um corpo supostamente mais flexível, forte e ágil permitiriam avanço na técnica concomitante ao desempenho e ousadia nas manobras.

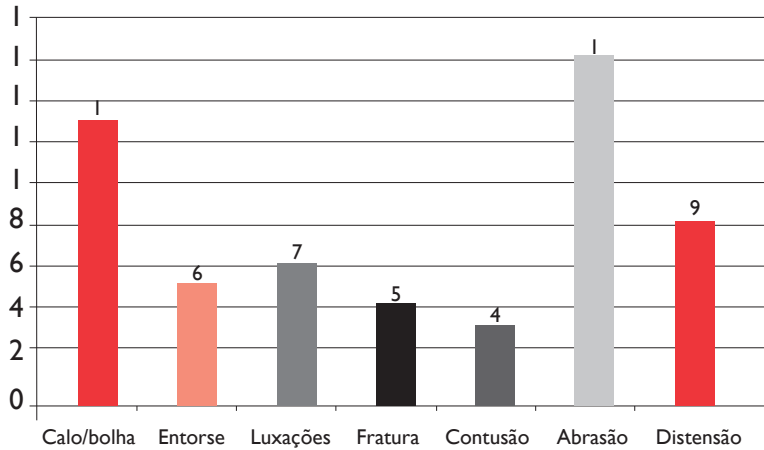
² Escala psicométrica utilizada em pesquisas quantitativas, que visa a registrar o nível de concordância ou discordância de uma declaração fornecida.

³ O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento de autorização para a realização da pesquisa com determinados sujeitos e que, concomitantemente, também garante a eles o respeito aos seus direitos.

Como ilustrado no Gráfico 1, a abrasão (“ralado”), foi a mais lembrada por 27%. Lesões mais graves, aquelas que podem afastar os praticantes por mais de 30 dias, como fraturas e luxações, estiveram presentes em 8% e 11%, respectivamente, além de entorse com 10%, e distensões citadas por 15%.

Gráfico 1

Tipos de lesões no skate em número de relatos por caso



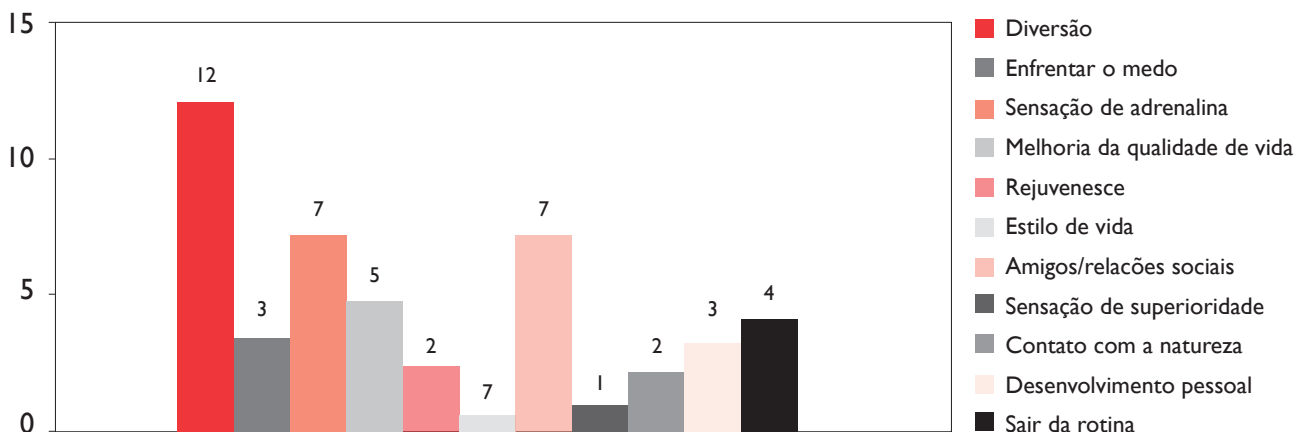
Fonte: Elaborado pelos autores.

Embora 81% das lesões não sejam graves (fraturas e luxações), parte significativa delas tem potencial para afastar, temporariamente, o praticante. As lesões mais frequentes apresentam relação com a modalidade praticada pela maioria: 44% são adeptos da modalidade *Street* que, pela característica *performativa* das manobras, deixa os praticantes mais predispostos a lesões. De certa forma, isso significa que há uma demanda por essa aventura, a tal ponto de os praticantes assumirem determinados riscos (que não se resumem às lesões nem a fatores biológicos). Sabe-se que praticantes de *skate* ainda estão sujeitos a serem marcados sob estigmas sociais, como sendo indivíduos desviantes.

Se as lesões são representativas dos danos nesta atividade, os fatores motivacionais elucidam melhor os benefícios atribuídos à prática. O Gráfico 2 ilustra os principais motivos que levam os atletas a buscar a prática do *skate*:

Gráfico 2

Aspectos definidores da motivação relativa à prática do skate



Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme Both e Malavasi (2005), adultos e crianças são motivados a participar de esportes por razões similares, embora os aspectos sobre saúde sejam mais importantes para os adultos, e o desenvolvimento de habilidades e competências, mais relevantes para as crianças. Com isso percebe-se que 122 responderam que a diversão é um dos fatores que mais motivam, 74 responderam que relacionamentos sociais são os principais motivadores, e 42 relataram que o sair da rotina os motiva. Logo, aspectos tradicionalmente referidos ao lazer estão presentes na motivação em praticar skate. Há menções significativas não somente à diversão como também ao desenvolvimento pessoal e à sair da rotina, o que remete ao ideal de lazer construído por Dumazedier (1979) nos três Ds do lazer (divertimento, desenvolvimento e descanso). Nessa linha, não somente o interesse físico-esportivo na aventura é revelado como também é equiparado em importância frente aos relacionamentos informais, a socialização.

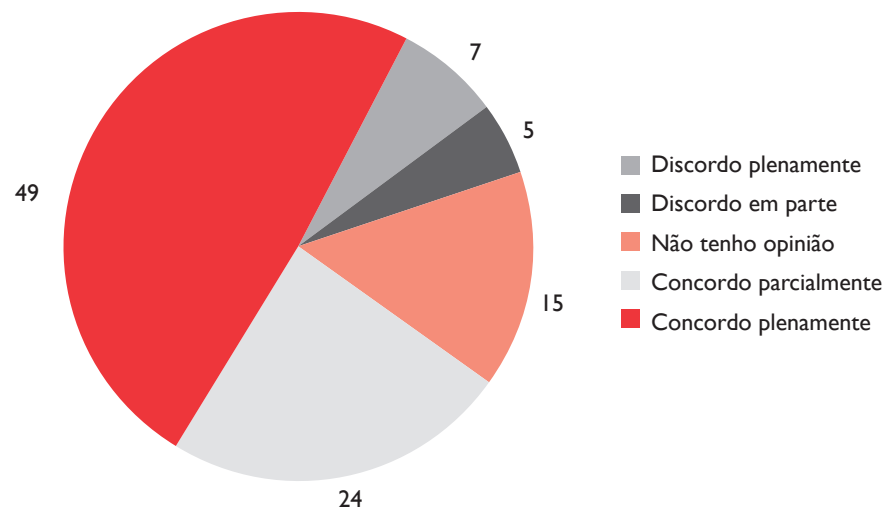
A socialização pode ser tomada cada vez mais como um fenômeno transitório e ligado a emoções compartilhadas, as quais agem como base social. Não por menos, os esportes de aventura são um canalizador desses pulsões gregários (PIMENTEL, 2006). Conforme descrições de Cássaro (2005) sobre o costume recorrente entre *skatistas* de aplaudirem o praticante que faz, ou tenta, uma manobra ousada, é possível pensar como esses agrupamentos estão imbricados em um sentimento ético-estético de relação interpessoal que, por sua vez, situa o risco como um signo admirável.

Em complemento, percebe-se que 24% dos entrevistados relacionaram itens que estão diretamente ligados a fatores com a radicalidade, como enfrentar o medo, sensação de “adrenalina” e de superioridade. Haverá, pois, uma socialidade aliada ao gosto pelo desafio dos limites, alterando o limiar do risco? Se esse for o caso, não por menos, as lesões estão presentes.

Nesse sentido, o instrumento permite o cruzamento com uma questão afirmativa sobre o skate proporcionar experiências arriscadas e incertas. Nesse sentido, embora não exista um posicionamento hegemônico que situe o risco na centralidade da prática, a maior parte das respostas adere, com algum grau de concordância, a essa afirmação, conforme o Gráfico 3 mostra:

Gráfico 3

Grau de concordância sobre o skate ser caracterizado por experiências arriscadas incertas (elaborado pelos autores com base nos dados de pesquisa)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quando apresentada a afirmação de que o *skate* está ligado a experiências arriscadas e incertas, traduzindo a atração pela novidade e o desafio, 49% acreditam plenamente nisso e 24% concordam parcialmente. Para outros, o medo bloquearia a realização das manobras, não sendo um pré-requisito para o andamento da atividade. Ainda assim, é comum pensar que o medo e a vertigem estejam sempre presentes durante a prática como marcadores de novas conquistas neste esporte.

Diante dessa inexorável visibilidade dos riscos reais ou imaginados no cotidiano, por que não aprender com eles? O risco é um signo dos vivos, pois todo corpo está sujeito à possibilidade de ferimentos, mesmo em ambiente doméstico. A marcante diferença existente entre os riscos que se corre voluntariamente e aqueles que fazem parte de limitações da vida social ou de padrão de estilo de vida são os desejos, afirma Giddens (2002).

Há, portanto, a busca pelo risco como opção de lazer. O *skate* é um fenômeno plural, mas, na realidade estudado, é predominantemente praticado entre jovens do sexo masculino. Essa combinação é usualmente associada ao desejo de afirmar-se pela aventura, com maior interesse pelas descobertas e menor zelo em relação ao comportamento preventivo. Se há um desejo em correr riscos, não se trata tanto de uma forma de depurar-se pela dor ou de narcisismo contemporâneo. Evidencia-se nos resultados uma simbiose entre fatores de crescimento pessoal (superar o medo, por exemplo) e interpessoal (amizades) entremeadas por situações geradoras de emoção (superação do risco). Aqui é inevitável entender que o *skate* sugere corroborar a dinâmica dialética entre corpo, risco e socialidade discutida em Pimentel (2006) ao analisar o voo livre.

Uma dimensão reforçada pelos dados é que os investimentos sobre o corpo (tais como roupas, equipamentos, desenvolvimento da habilidade motora e da aptidão física) são tidos como essenciais à melhoria do desempenho neste esporte. Os exercícios, como os de alongamento, apresentam elementos para a diminuição dos riscos e a divulgação da importância de sua utilização pode contribuir para aumentar a segurança, com minimização das possibilidades de distensões musculares. Por outro lado, manobras mais *performáticas* aumentam, gradativamente, as possibilidades dos riscos.

Embora nuançado no *skate*, o corpo - biológico e cultural - se vê desafiado a superar-se por meio da aventura. Isso implica correr riscos, pondo em questão a probabilidade de consequências boas ou ruins. Entre os aspectos indesejáveis estão os acidentes. Embora parte seja fruto da fatalidade, é possível organizar a segurança por meio da preparação técnica do praticante, do uso de tecnologias adequadas e da adequação mútua entre prática e ambiente. Um quarto elemento de segurança seria o patrimônio imaterial da socialidade, uma vez que, em tese, quanto mais conservadora uma “tribo” de *skatistas* menor a ousadia e a ocorrência de lesões graves.

Sabe-se que essa combinação favorece o lazer na perspectiva do grupo como fator de segurança e autoconhecimento. Diante dessa dinâmica, é importante que a área possa contribuir com esses praticantes em sua capacidade de gerenciar os riscos, diminuindo a distância entre sua leitura imaginada dos riscos e o modo como se realmente se manifestam e trazem consequências.

Na visão de Aranha (2004), o *skate* sempre foi visto como um esporte “radical” e impactante motivado por suas manobras com alto grau de dificuldade e arriscadas. Estas manobras correm o risco de acarretar lesões quando mal executadas.

Adiante a essa necessidade de conhecimentos acadêmicos para melhoria dos fatores profiláticos no *skate*, é possível pensar na inclusão da prática no ambiente escolar, bem como melhorar a atenção dirigida às modalidades de aventura nos locais públicos de sua ocorrência. Embora o número de praticantes seja crescente e já significativo, estudos como o de Impolcetto et al. (2007) situam a carência de propostas pedagógicas para as atividades de aventura. Conforme os autores, há grande variedade de conhecimentos ligados à dimensão atitudinal (respeito ao meio ambiente, cooperação, construção de valores), mas professores não conseguem inserir nenhuma modalidade por carência de material e de conhecimento técnico. Para ilustrar, Silva (2009) lembra que é importante se levar em conta que a criança deve aprender primeiro descer do *skate* e aprender

a ficar com o centro de gravidade baixo, para estar próxima ao solo no caso de quedas. Pelo alto nível de complexidade da execução dos fundamentos secundários e terciários, esse deveria ser um aspecto, dentre outros, que estudos pedagógicos na Educação Física poderiam trazer vantagens aos aprendizes, não obstante a sociabilidade do *skatista* valorizar corpos em risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos gerais, na realidade estudada, o *skate* está ligado predominantemente à diversão, socialidade, saúde e enfrentamento do risco, sendo este um signo diferenciador. Os dados apontam para a fertilidade de pensar a tríade corpo, risco e socialidade em estudos de aprofundamento, especialmente no tocante às lesões e às manobras. O principal nessas práticas não é efetivamente o risco real (a probabilidade de danos e letalidades), mas a aventura proporcionada pelo risco imaginado (que os praticantes costumam chamar de sensação de adrenalina), produzindo efeitos de fluxo, relaxamento e autoconhecimento.

Temos em vista as lacunas deixadas e as novas perguntas que os resultados apresentaram. O trabalho de *survey* possui conhecidas deficiências. Mas, por outro lado, é um tipo de pesquisa empírica que representa uma superação do conhecimento abstrato e especulativo presente nos ensaios teóricos sobre as atividades de aventura, cuja deficiência se agrava pelas repetições dessas sentenças, sem um juízo crítico maior.

Para assumir uma superação da dicotomia entre empirismo *versus* abstração, o *survey* precisa apontar para duas ações sequenciais, sem as quais pode ficar reduzido a um mero apanhado de opiniões. Primeiro, como é de esperar de uma ida a campo que parta de certas premissas, trata-se de dialogar os postulados com a realidade revelada pelo instrumento, de modo a serem corroboradas ou refutadas certas ideias acadêmicas sobre o objeto. Segundo, já não tão recorrente, o estudo tipo *survey* aponta para trabalhos de fôlego, como futuros aprofundamentos qualitativos de cunho etnográfico que irão compreender certos problemas anteriormente “encontrados” ou sugeridos por meio do instrumental quantitativo. Toma-se, portanto, em uma perspectiva dialética, esse aspecto como o principal potencial e limite do estudo. Limitado naquilo que pode responder relevantemente em vista das perguntas potencializadas por ele.

Por fim, as aplicações do estudo se dirigem aos cuidados necessários à conciliação entre aventura e segurança para motivação permanente do praticante. Afinal, quando uma pessoa inicia um programa de atividade física ou uma modalidade esportiva, seja esta iniciativa causada por necessidade ou por convicção, a maior dificuldade que se encontra é na aderência desta atividade a longo prazo. É reconhecido que, para que ocorram os benefícios fisiológicos e psicológicos da atividade física, é necessário a adoção da prática por um longo período. Por conta disso, a Educação Física necessita refletir, entre outras questões, sobre a gestão dos riscos, a fim de contribuir com a segurança da atividade, pensando à frente em sua organização pedagógica em clubes, escolas e centros esportivos.

ASSOCIATED FACTORS RELATED TO SKATEBOARD PRACTICE

Abstract: The purpose of his text is discussing about motivational factors (intrinsic and extrinsic) associated with the practice of skateboarding. The main aim is to analyze the relationship among the factors that can facilitate or minimize the practice of skateboarding. Therefore, we utilized a study survey with 148 practitioners of Paraná northern. The analysis instrument considered some aspects such as: The experience level, age group, injuries,

frequency and motivation. The analysis tool also considered the descriptive statistics and the thematic discussion, having as its body axis the categories, risk and sociality. The predominant age group was comprised of young, until 20 years old, which means more agile and flexible body to maneuvers. Although 95 % of the injuries are not serious (fractures), 69 % has the potential to move away the practitioner temporarily. The sample majority participates in competitions, but the sporting character of skateboarding is more associated with values associated with leisure. Thus, in general terms, in the studied reality, skateboarding is predominantly linked to having fun, sociality and facing health risks, being these ones distinctive signs.

Keywords: practitioner profile; skateboarding; athletic injuries.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, A. C. S. **Lesões no skate**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Associação Cristã de Mocós de Sorocaba, Sorocaba, 2004.
- BALBIM, G. M.; OLIVEIRA, R. M. S. B. de; PIMENTEL, G. G. de A. Instrumento GEL/2009 de pesquisa sobre atividades de aventura. In: ENCONTRO DE LAZER DO PARANÁ, 2009, Maringá. **Anais...** Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2009. CD-ROM.
- BASTOS, B.G. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança ao corre”**. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física da Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- BITENCOURT, V.; AMORIM, S. **Atlas do esporte no Brasil**. Atlas do Esporte, Educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Organização de Lamartine Dacosta. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- BOTH, J.; MALAVASI, L. M. Motivação: uma breve revisão de conceitos e aplicações. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 89, out. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd89/motivac.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- CÁSSARO, E. R. **Percepção dos praticantes de skate quanto ao processo de reurbanização de um equipamento específico de lazer e suas relações com a modalidade**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário em Maringá, Maringá, 2005.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. **Modalidades**. 1999. Disponível em: <www.cbsk.com.br/pags/street.htm>. Acesso em: 1º maio 2011.
- CRATTY, B.J. **Psicologia do Esporte**. 2.ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil. 1984.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva; Sesc, 1979.
- FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S.V. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Revista Brasileira De Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, 2009.
- FILHO, O. **Alongamentos no skate**. 2010. Disponível em: <<http://skateceara.com.br>>. Acesso em: 2 maio 2011.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- IMPOLCETTO, M.T.; THOMAZZO, A.; BONFÁ, A. C.; BARROS, A. M.; SÁ, C. S.; BROUCO, G. R.; RODRIGUES,

H.; TERRA, J.; ÍÓRIO, L. S.; VENÂNCIO, L.; ROSÁRIO, L. F.; JUNIOR, O. S.; GASPARI, T.; BATTISTUZZI, V. M.; DARIDO, S. C. Educação física no ensino fundamental e médio: a sistematização dos conteúdos na perspectiva de docentes universitários. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 89-109, 2007.

NEVES, T. Z.; FERREIRA, I. M.; PINHEIRO, A. C. de L.; PINHEIRO, W. G. da S. **Prevalência de lesões em skatistas profissionais da modalidade Street skate**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)–Faculdades Integradas de Ciências Humanas Saúde e Educação de Guarulhos, Guarulhos, 2008.

PIMENTEL, G. G. A. **Risco, corpo e socialidade no vôo livre**. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

QUINODOZ, D. **A vertigem**: entre a angústia e o prazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SILVA, J. E. da. **Benefícios do skate nas aulas de Educação Física escolar, para os alunos do ensino fundamental II**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física)–Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2009.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole. 2001.

Contato

Carlos Gomes de Oliveira

E-mail: carlogomesrosa@uol.com.br

Tramitação

Recebido em 2 de agosto de 2011

Aceito em 5 de fevereiro de 2016